

Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série
NÚMERO 12

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade
Guimarães, 20 de Agosto de 1930

Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

UMA GRANDE INICIATIVA

A construção do Teatro vai ser, estamos disso cada vez mais convencidos, uma realidade. Não levará uma eternidade, não levará, mesmo, muitos anos. Todos nós havemos de assistir ao grande triunfo da actividade e da energia sobre a preguiça e o comodismo. Pouco viverá quem não tiver êsse prazer. Muito cedo morrerá quem não assistir, naturalmente comovido, ao início dos trabalhos, ao lançamento dos alicerces.

Não somos, nem nunca fomos, demasiado optimistas. Por prudência e por temor do ridículo. Conheçamos o sem número de dificuldades a vencer, de obstáculos a transpôr. São grandes, muito grandes. Alguns são verdadeiramente temerosos, intransponíveis, à primeira vista. Mas só à primeira vista. E só para os tímidos, para os fracos, para os irresolutos. Os fortes, os verdadeiramente fortes, quando lutam é para vencer, para transpôr os obstáculos, para destruir as dificuldades. Fortes são, pois, os que combatem com o conhecimento dos perigos, certos de que não serão aniquilados.

Nesta cruzada de amor bairrista, a maior, a mais tremenda, a mais difícil de vencer de todas as dificuldades, de todos os obstáculos, é o *egoísmo*. Este, sim, êste é o mais feroz dos adversários, o inimigo terrível de tudo quanto de útil se possa tentar nesta boa terra portuguesa. Mas até êste ficará derrotado.

E' certo que há também que contar com o trama urdido pelos maldizentes profissionais, pelos intriguistas, pelos que passam a vida envenenando as intenções alheias, num odioso rancôr contra tudo o que não parte dêles, não seja dêles ou não os beneficie directamente. São também de respeito êstes, não há dúvida alguma. São de respeito, mas não de ser afastados, no momento oportuno, com o bico de uma bota bem ferrada. São todos bem conhecidos, — e isto já é uma vantagem enorme, uma vantagem de grande peso.

Quando se começou intensificando a campanha pro-teatro, logo por aí se começaram ouvindo os murmurares hipócritas, logo a intrigasinha foi alastrando no meio propício. «A coisa não vai longe. A coisa morre ao nascer. Não fazem nada. Ninguém os ajuda, etc...».

E que se vê, a final?

Isto, que é muito consolador para o brio de todos os cidadãos vimaranenses: — a coisa não morre, vai por diante, caminha em amplo, cómodo e arejado caminho. A iniciativa sai do vasto

campo das ilusões, das fantásticas e embaladoras utopias, transformando-se em alguma coisa de positivo, de concreto, que amanhã há-de ser o triunfo pleno, completo.

Bem empregados, porisso, todos os esforços dispendidos e os muitos que ainda faltam empregar! Bem empregadas tôdas as canceiras, tôdas as rudes canceiras que a grande iniciativa tem custado!

Ao contrário do que murmuravam perfidamente *os tais*, a campanha não ficou desamparada. Surgiram bem depressa as ajudas, as dedicações. Hoje lutam por ela, não um, nem dois, nem meia dúzia, mas muitos, muitíssimos vimaranenses. Lutam e lutarão até à apoteose final.

Pois haveria de dar-se uma tão grande prova de inércia, de incapacidade, de falta de pondunor, como seria o fracasso desta iniciativa?...

Não, os ânimos e as forças não estão tão por baixo. Breve chegará o dia de gritar: Vitória! Vitória! Para honra e orgulho de todos nós.

Logo que passe êste período de tempo em que estamos, período de descanso, de férias, em que muitos se ausentam, os trabalhos da Grande Comissão serão enormemente activados, de molde a bem depressa se traduzirem em brilhantíssimos resultados práticos. Inteiramente confiamos nas pessoas que a compõem, as quais, com certeza, não-de querer dar mais um exemplo do quanto estremecem a terra que lhes foi bêrço.

A subscrição, que ainda não foi aberta ao grande público, que está por agora circunscrita a duas ou três dezenas de pessoas, atingiu já um montante deveras animador, de bastantes dezenas de contos. Este montante subirá, e muito, no que respeita aos mesmos subscritores, pois é intenção da maioria dêles elevarem a sua quota parte. Alguns já o fizeram, com a promessa de que, sendo necessário, ainda mais contribuirão.

Que melhor resposta se poderia dar aos tais scéticos, aos tais maldizentes, aos tais egoístas, aos tais caluniadores, aos tais intriguistas?

Creemos bem que antes ainda do fim do ano daremos aos nossos leitores uma notícia que muito e muito lhes agradará. Esta campanha há-de acabar como é justo que acabe: — com o triunfo de quem se bate contra a inércia e contra a preguiça, com o triunfo dos que anseiam vêr a sua terra elevada, dignificada, glorificada!

Este número foi visado pela comissão de censura

A TUBERCULOSE

Na idade média, dizem os velhos cartapácios, as *potências*, tanto as celestes como as infernais, para se vingarem da corrupta humanidade, infligiam-lhe castigos terríveis, ministrados no ar que se respirava, na água que se bebia, no simples malefício das ruínas feiticeiras ou dos odiados e malaventurados judeus. Entre êsses castigos flageladores figuravam as epidemias, que ao serviço dos deuses e dos diabos, foram limpando o melhor de muitos milhares de vidas, tornando — quantas vezes! — bem povoados burgos em tranquilos cemitérios. A ignorância e as superstições de então, aliadas a estúpidos preconceitos, faziam vêr o dedo do sobrenatural onde, apenas, havia uma causa natural e humana, e é assim que a pobre humanidade dêsses tempos remotos, mal se via ameaçada pela peste exterminadora, logo tratava de propiciar a divindade, ora ofertando-lhe, a ela ou aos seus intermediários, o que tinha de melhor, as primícias do seu labor e dos seus haveres, ora perigrinando em fantásticas procissões de penitência e arrependimento, acendendo aqui e além, hoje e amanhã, enormes e purificadoras fogueiras, onde iam a assar, com fanática constância, bruxas e marranos, em repelentes holocaustos. Era vulgar a ideia de que Satanaz se servia dos judeus e das feiticeiras para engendrar e espalhar a peste, pelo que, mal esta assomava, principiavam as perseguições, as torturas e as queimas dêstes miseráveis, que às centenas, aos milhares, davam, por força, o corpo ao manifesto, sem que por isso as cóleras diabólicas se aquietassem ou a piedade divina se amerciasse dos homens. As lendas, as superstições e o fatalismo orientais pululavam, tenebrosas muitas, ridículas tôdas, por entre as massas ignaras e fanáticas do ocidente, medrando com a fonte seiva que lhe davom a incultura e a rudeza gerais.

As velhas noções de higiene, pública e particular, que tão bons serviços haviam prestado a alguns povos antigos, e que os gregos e romanos adoptaram e difundiram, tiveram a sorte do império de Roma — sumiram-se com êle; como outros monumentos dessa civilização esplendida, a higiene escondia-se sob o entulho da derrocada. A sociedade de então, o barbaro cristianizado, em tudo via a mão de Deus, ou do seu rival, o diabo. As pestes, como as tempestades e os scismos, a simples doença e, até a própria loucura, tudo eram manifestações da vontade divina ou da maldade diabólica, sendo, portanto, conveniente

combatê-las com esconjuros e exorcismos contra o diabo, com orações e oferendas às potências celestes. Foi assim na idade média, como o foi, em grande parte, na moderna, nos séculos XVI, XVII e XVIII, como o é, infelizmente, agora, apesar dos progressos incontestáveis das sciências.

As poeirentas fábulas medievais vivem ainda, mais ou menos agachadas, entre alguns povos europeus, entre aqueles povos que um *mau destino* teima em prender ao potro da ignorância. Não se tisnam judeus nem se grelham feiticeiras, é certo; mas não falta por aí quem tudo confie à prece e ao sortilégio, quem impute a origem de todos os males a uma vontade superior, sobrenatural, contra a qual não há possibilidade de resistência útil. Restos dêsse danoso fatalismo oriental, urge combatê-los, pondo as coisas no seu pé, e isso só se obtém pela escola, pela instrução. E' esta que difunde os benéficos preceitos scientificos, com que a humanidade já banii muitos dos sofrimentos que a afligiam, e há-de ser ela que há-de dar às massas populares os conhecimentos higienicos bastantes para levarmos de vencida o perigo que agora nos assoberba.

Convençamo-nos desta verdade.

Nada valerá inçarmos o país de sanatórios e hospitais, se, ao mesmo tempo, não dermos ao povo os meios de conhecer e evitar o mal, se teirmos em mantê-lo na crassa ignorância em que vive. A instrução tem que ser, como sempre foi, o principal agente na luta contra a tísica. Negá-la é tanto ou mais do que negar a alimentação e a habitação necessárias.

Instrução, escola! E se a escola fôr o antro, o pardieiro, a possilga, tão vulgares entre nós, apliquemos-lhe a pena que o fanatismo medieval applicava ao mariano — queimêmo-la, para erguermos, em seu lugar, o templo augusto, que deve ser, modelo no asseio, exemplo na virtude, fanal na adversidade.

DÓRIO.

«Pro-Vimaranense»

Prometeramos publicar neste número o «Excerpto», do Dr. Eduardo d'Almeida, assim como o artigo intitulado «Iniciativa Particular», da autoria de um dos nossos mais brilhantes colaboradores. Não nos tendo sido possível fazê-lo, pedimos da falta desculpa aos nossos estimados leitores e, especialmente, aos autores das duas magníficas produções.

No próximo número publicaremos uma desenvolvida e interessante reportagem sobre o grandioso trabalho de catalogação da biblioteca que se vem fazendo na Sociedade M. Sarmiento.

Serão também abordados alguns dos assuntos que mais interessam à nossa vida local.

Festas da Cidade

No número de 12 do corrente do nosso presado colega «Comércio de Guimarães» vem publicado, no lugar de honra, um artigo com o qual quasi inteiramente concordamos. Este quasi é provocado somente por uma referência nelle feita ao facto de não se terem realizado este ano as Festas Gualterianas.

Segundo o «Comércio», elas não puderam efectivar-se porque «não é à última hora que se fazem as festas aonde se gastam alguns milhares de escudos». Ora, pela nossa parte fizemos tudo por que a tempo e horas se começasse trabalhando, certos como estávamos, e ainda hoje estamos, de que as dificuldades não seriam tantas nem tão avuitadas como os mais pessimistas supunham.

Mas... o que lá vai, lá vai, e agora trata-se de conjugar esforços para no ano próximo se reatar uma tradição brilhante que se deixou fenecer um tanto mesquinhamente. Dentro deste ponto de vista estamos, felizmente, todos de acôrdo.

No último número apontamos, como exemplo a seguir, o de Vila Rial de Traz-os-Montes, onde já se trabalha com entusiasmo para as festas do próximo ano. Disse-mos então no nosso modesto artigo: «Foi a Associação Commercial quem teve a honra de, em 1906, iniciar as Gualterianas. Seja ela quem as salve da morte. Como? Promovendo uma grande reunião de tôdas as colectividades vimaranenses, na qual a Comissão Administrativa esteja presente». Salientávamos, a seguir, a necessidade de essa reunião se effectuasse o mais breve possível.

Continuamos no mesmo ponto de vista. O facto de sabermos que elle foi acolhido com unânimes aplausos mais ainda nos encoraja.

Se se entrar no sistema do comodismo que tudo faz perder, se se entender que ainda há muito tempo para pensar no caso, que será exagerado começar com um ano de antecedência a fazer os preparativos, então será certo que, de uma vez para sempre, a tradição das Festas desaparecerá.

O que é necessário, desde já, e por isso é que se torna preciso e urgente a reunião que alvitramos, é estudar o processo de se criar uma verba fixa (empregando o termo do nosso colega), que não seja de difficil pagamento, nem onere demasiado os orçamentos já muito sobrecarregados com as mais diversas alcavalas.

A subscrição pública, dois ou três meses antes, tal como até agora se tem feito, nada dá, ou, melhor, não pode, de forma alguma, só por si, ser o bastante para alguma coisa de geito se conseguir. A experiência, sobretudo a dos últimos anos, tem dado a este respeito exemplos eloquentes.

J. P.

Louças e Artigos para brinde
O mais completo sortido
Casa Martins

Meias e peúgas

O maior sortido. O melhor gosto.
O mais barato.

Só na Casa das Gravatas.

Administração Municipal

PELA PENHA

I

Escrevendo sobre este assunto, cujas dificuldades, cuja delicadeza (digamos assim), muito bem conhecemos, fazemo-lo com o único objectivo de contribuir, quanto em nossas débeis forças caiba, para o melhoramento das condições da acção administrativa concelhia, hoje tam perturbada por efeito de várias causas, algumas susceptíveis, em nosso entender, de solução próxima, outras, mais complexas, de solução pouco fácil, pelo menos para já.

Mas... em Guimarães, como de resto em tôdas as terras, há, ao lado da esmagadora maioria dos cidadãos de boa fé e boas intenções, uma minoria ínfima, ascorosa, repelente, constituída por aquela meia dúzia de criaturas de má fé e intenções perversas, cujo máximo prazer consiste em ajuizar mal de tôdas as atitudes tomadas pelas pessoas que por qualquer motivo lhe desagradam. E' mais que certo ouvir-se dizer amanhã, a essas almas daninhas, que os nossos actos são produto de obscuras maquinacões. São capazes de tudo os miseráveis destituídos de carácter...

* * *

Pode quem quiser folhear a colecção deste jornal. Variados assuntos temos discutido. Muitos problemas temos focado. Coisas de grande importância e coisas de somenos têm chamado a nossa atenção. De tudo temos tratado sem atingir pessoas. Interessam-nos os factos, nunca os individuos.

Quando focamos, como agora, determinados serviços públicos, que temos em vista? — Attingir as pessoas que desempenham esses serviços?

De modo algum. O que temos em vista é, única e simplesmente, evitar que esses serviços não correspondam aos fins para que foram criados, que não satisfaçam as necessidades que os impuzeram.

Ora um serviço público não funciona como deve ser quando se dá uma das duas hipóteses seguintes (ou ambas conjuntamente): insuficiência das disposições que o criaram e o regulamentam; insuficiência das pessoas que o servem.

Há-de, portanto, acontecer, por vezes, forçosamente, que os funcionários, os agentes, virão a ser atingidos em consequência da crítica que se faça ao serviço de que estão encarregados. Nunca a culpa será nossa, mas deles.

* * *

Apesar de tudo, aquela minoria ínfima, ascorosa repelente, a que atraz fizemos referência, vai, pela certa, logo que lhe salte aos olhos o titulo deste insignificante artigo, exclamar, tôda senhora da sua falta de escrúpulos: «Ora cá está a politica!...»

Está, sim; está aquela politica elevada em cujas fileiras os componentes da tal minoria nunca poderiam (desnecessário dizer porquê) ser arregimentados; aquela politica que elles nunca souberam nem quizeram seguir; a única politica legítima nos mu-

nicipios: a politica municipal, isto é, a que tende a concentrar todos os esforços e tôdas as carreiras na solução dos múltiplos aspectos do problema vimaranense: aquela politica que fez com que Alfredo Pimenta, marcando uma attitude exemplar, acorrêsse ao nosso chamamento, ao nosso toque de reunir, gritando: — aqui estou!...

* * *

A acção desenvolvida pela actual edilidade não tem merecido o aplauso publico.

E' uma verdade — tão evidente que só os cegos poderão não a vêr.

Sucede, porém, que o município vimaranense não tem hoje, como nenhum outro tem, as condições económico-financeiras que lhe permitiram, ainda não há muito, levar por diante iniciativas de grande e proveitosa utilidade, porquanto já não dão entrada nos cofres algumas receitas importantes. Trata-se de uma doença geral, que afecta todos os erários municipais.

Mas sendo assim, estando averiguado que efectivamente não é hoje possível ao município desenvolver uma actividade tam intensa como noutros tempos ainda relativamente próximos, qual a razão porque é tam grande na nossa terra o número dos descontentes, qual o motivo porque quasi todos os cidadãos se queixam da maneira como a comissão administrativa tem desempenhado as suas funções?

Eis uma pergunta a que responderemos.

Sic transit...

Foi em 12 de agosto de 1920 que se finou o Cônego José Maria Gomes. Há, portanto, dez anos. Dez anos — tanto tempo para poder durar ainda a Saúde!... Dez anos — dez séculos. Quem se lembra ainda d'ele?

Quantos discípulos, quantos amigos, quantos dos que lhe ficaram devendo inúmeros favores fôram à missa que por sua alma celebrou, comemorando a data lutuosa, o bondoso padre Artur Guimarães?

Quantos?... Tudo passa, tudo cassa, tudo lassa — como dizia, traduzindo libérrimamente o francês, um humorista que a morte também já levou.

Pois Guimarães deve à memória do Cônego José Maria Gomes alguma coisa mais do que o letreiro de um Largo.

Não admira, infelizmente a ingratidão. Há por ai muitos vivos, que desinteressada e abnegadamente têm prestado serviços relevantes à nossa Terra, e que receberam, e recebem, em paga — um coice.

Desculpem os prezados leitores a expressão. E' linguaagem figurada, mas expressiva...

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou seda ou de tecido de algodão em fantasia?

Vá à casa HIGH-LIFE.

Está convertendo-se numa grande, numa magnífica estância de turismo a nossa montanha. Mesmo nos dias de semana a frequência é, por vezes, extraordinária. Raro é o domingo em que lá não se juntam algumas centenas de pessoas. Camionete de excursionistas que passe pela cidade, não deixa de fazer a caminhada até ao alto. Os que pela primeira vez lá vão regressam maravilhados, com os olhos cheios de um dos mais grandiosos espectáculos que a natureza lhes pode oferecer. Alguns confron-tam o panorama com outros do seu conhecimento e a vantagem da comparação é sempre para a estância vimaranense. Com efeito, onde poderá descortinar-se coisa que se lhe compare? Ali nada há de beleza convencional, de arranjo scenográfico, — tudo é pura beleza, beleza sem artificios.

Muito há ainda a fazer na Penha para que ela seja o que na realidade deve ser no nosso país: uma das mais concorridas estâncias de repouso e de turismo.

Um dos principais problemas que lhe dizem respeito está em vias de solução provisória. E' o do hotel. Segundo se afirma, depois de concluidas as obras o antigo ficará em condições de, pelo menos por agora, corresponder às exigências. De lamentar é, porém, que, ao contrário do que se disse, não ficasse pronto a tempo de poder servir ainda este verão, pois de lá temos visto retirar muitas famílias, desapontadas, por não encontrarem onde comodamente possam almoçar ou jantar. Com certeza que essas pessoas ficam fazendo das nossas qualidades de iniciativa uma ideia que em nada nos poderá lisonjear. E', pois, de tôda a conveniência que as obras terminem o mais rapidamente que possa ser.

Temos ouvido, a propósito da ampliação do hotel alguns reparos que, a corresponderem à verdade, são de certa maneira graves. Este, por exemplo: — que ao empreiteiro não foram impostas, como é da mais elementar previdência, sanções pesadas que o obriguem a cumprir escrupulosamente tôdas as cláusulas do respectivo contracto. Se assim fôr, que prejuizos não poderão dar-se, não só de ordem material, mas até de ordem moral?!... Desejariamos que a Comissão de Iniciativa e Turismo, cujos serviços temos já reconhecido e louvado, nos esclarecesse sobre este caso, para nos habilitar a desmentir formalmente certos boatos correntes.

Este jornal lembrou, há tempos, que se deveria espalhar pelo país, a exemplo do que se faz noutras partes, algumas centenas de cartazes artisticos que fizessem a propaganda turistica da Penha. Não sabemos se a lembrança teve eco onde o deveria ter. Em todo o caso, aqui a repetimos, esperancados em que para o ano lhe será dada realização. Um concurso, com prémios pecuniários convidativos, e os trabalhos acorrerão. Será, talvez, bastante dispendioso, mas o certo é que sem dinheiro nada se faz, e muito menos o réclame seja do que fôr. De resto, elle sairia por um lado e entraria pelo outro...

Enquanto isso se não fizer, e

A questão da luz

Continúa como dantes. Passar à noite pelos dois largos mais centrais da cidade é qualquer coisa que dá a impressão de que andamos por longínquo e inhabitado lugarejo.

Pouco se vê além de um palmo adiante do nariz. A este respeito recebemos o seguinte bilhete:

«Senhor:

Quando terminará esta vergonha em que vivemos? Os homens das gazetas são também, e muito, os principais responsáveis do que se passa. Se constantemente malhassem no caso — o caso a que me refiro é o da luz — já tudo estaria resolvido. Ou não será assim?

Leitor em dia.

O «leitor em dia» — em dia, naturalmente, porque, honra lhe seja!, paga com pontualidade a sua assinatura — protesta porque se vê envolvido pelas trevas. Tem razão, não há dúvida. No que ele é injusto, de uma injustiça que nos choca por flagrantíssima, é em nos amarrar, certamente levado pelo muito que estima o velho burgo, a responsabilidades que não temos e que ninguém de boa fé nos pode atribuir.

A «questão da luz» é uma grande questão — como dizia o nunca assás celebrado conselheiro Pacheco que Deus haja...

Há de ser resolvida, «um dia, com cautela, com prudência»...

E quem a resolverá não somos nós. Nós queixamo-nos, protestamos, transmitimos, alto e bom som, dos clamores do público. E temos, assim no-lo diz a consciência, cumprido o nosso dever.

Que os outros cumpram o deles!...

Grémio do Minho

Ficou adiada sine-die a excursão que esta colectividade se propunha realizar à nossa província. Em Guimarães, onde se demorariam 24 horas, os excursionistas teriam uma recepção condigna. Para isso já realizara os necessários trabalhos a Sociedade de Defesa e Propaganda, que muito bem compreendeu o significado da visita e os resultados que dela poderiam resultar. Este jornal tinha já preparada uma página especial, dedicada aos nossos com-provincianos, na qual se exporiam as principais reclamações locais que têm sido feitas junto dos poderes públicos. Estamos certos de que os nossos visitantes sairiam daqui com a convicção de que muito injustamente tem esta terra sido tratada por quem já devia ter olhado, com olhos de vêr, para uma situação tão deplorável como aquela em que Guimarães se encontra.

mesmo depois de se fazer, que os vimaranenses sejam, em qualquer ponto onde se encontrem, grandes, acérrimos propagandistas das belezas naturais da sua terra, desta terra tão linda quanto infeliz, tão exuberantemente dotada de qualidades naturais quanto desprotegida de auxílio e carência de cuidados...

J. A.

COISAS IMPOSSÍVEIS

(apontamentos tirados das MEMÓRIAS DE UM POBRE DIABO QUE DIRIGIU UM JORNAL DE PROVÍNCIA)

Vem Um, ardendo na febre do mais elevado e puro amor bairrista, e diz-nos:

— ¿porque carga de água é que vocês ainda não falaram nisto assim, assim?

Outro vem, animado do louvável desejo de se mostrar também possuído de um bairrismo exemplar, de antes quebrar que torcer, e objecta-nos:

— ¿porque motivo foram vocês falar nisto assim, assado?

O Senhor Xiç, ponderado e sentencioso, em meio da conversa, dirige-se-nos dest'arte:

— O jornal está bem feito, sim, não digo que não, mas... talvez leve de mais, superficial... Melhor seria focar certos assuntos, certos problemas, estudando-os profundamente, até esgotá-los... fazer obra de análise, etc., etc....

O Senhor Upsilon, sentencioso e ponderado, ainda a conversa não vai em meio, palra-nos desta maneira:

— «O jornal está bonzinho, sim, não digo que não, mas... talvez massudo de mais... Os assuntos devem ser tocados pela rama, fugidamente, em pequenas notas impressivas, superficiais... Enfim, mais leveza, mais...» etc., etc....

Um Conservador:

Fazei as coisas a modo, ó rapazes! Olhai que atravez o que escreveis na gazeta percebe-se que sois vermelhos. Cuidado... O público... Mais moderação, mais delicadeza... Respeitai as conveniências, os interesses criados...» etc., etc., etc....

Um Radical:

— «Que espécie de jornal é o vosso? Que sensaboria!... Nem carne, nem peixe... Sem energia, sem vida... Parece que tendes medo às conveniências, que não desejais ferir os interesses criados... Arrôcho, meninos, arrôcho, e têsso, e forte, é que é preciso...» etc., etc., etc....

Fulano de Tal, adversário ferroz da Comissão Administrativa da Câmara:

— «Escorraçai-me êsses homens! Escorraçai-mos. Falai-lhe de grôssso. Dizei-lhe que o público está descontente. Arrazai-os. Fazei a obra de caridade de os obrigar a pedir a demissão...» etc., etc., etc....

Cicrano de Qualquer Coisa, defensor estrênuo na mesma Comissão Administrativa:

— «Aquelas coisitas dirigidas à Câmara não têm razão de ser. A vereação trabalha, olhai que trabalha. Não há direito de a dispôr mal, de lhe regatear louvôres. Poupai-a. Virá outra muito pior...» etc., etc., etc....

Trecho de uma carta recebida na redacção e assinada por «Um Constante Leitor»:

— «Parece incrível que sendo esta a quinta vez que lhiscrevo afim de les puvar o quanto o bom pôbo desta noça tão linda quanto agradável Terra, cujo bêrço nosso foi, istá sendo presudicada...» etc., etc., etc....

Ora se nêste mundo há coisas

VIDA CARA

Teve um óptimo acolhimento por parte da população vimaranense o artigo que escrevemos no último número do «Pro Vimarane» sobre êste tão sugestivo assunto. Gritando com clareza e energia, o nosso veemente protesto, bem sabíamos que não iam de encontro ao pensamento de todos os que veem sendo vítimas da mais tôrpe, da mais miserável especulação. Por isso os aplausos recebidos, se é certo que nos lisongearam, não constituíram surpresa. Esperavamo-los e seremos dignos dêles, continuando com persistência, com vivacidade, com firmeza, nesta campanha de alta moralização, nesta campanha que tem por fim defender o público das unhas rapaces daqueles que tripudiam com as suas mais elementares necessidades.

Não há nada que justifique — repetimo-lo uma vez mais, havemos de repeti-lo até quando fôr preciso — não há absolutamente nada que justifique, que explique, o facto de ser Guimarães a terra do país onde a vida é mais cara, aquela onde por mais elevados preços se paga o pão nosso de cada dia.

O que dissemos, como exemplo, quanto ao peixe, pode estender-se a outros gêneros. Não sosseguem os especuladores, que não lhes daremos tempo. Hoje, amanhã, sempre, enquanto um tão incompreensível estado de coisas se não modificar, estaremos na brecha, prontos a arremeter contra os que não tem escrupulos.

Com a vida cara como está, com as péssimas condições higiénicas em que vegeta, com a tuberculose a minar-lhe dia a dia a existência, qual será num futuro próximo o destino do nosso povo?

A esmagadora maioria da população vimaranense vive do seu trabalho, de um trabalho cheio de probidade e de canceiras, mas, em regra, insuficientemente retribuido, por razões que agora não veem para o caso. Como poderá alimentar-se? como poderá prover ao estritamente indispensável?

Chegamos às vezes a convençermos-nos de que os sentimentos humanitários, o amor e o respeito pelo próximo, desapareceram para sempre, dando lugar ao mais descarável egoísmo. Mas não, tal não pode ser. Nós somos vítimas de meia dúzia de indivíduos sem escrupulos. Nós, operários, agricultores, homens das profissões liberais, comerciantes, industriais, etc., nós todos os que lutamos, os que louvadamente procuramos viver a nossa vida, estamos, desde há muito, sob a opressão esmagadora de encargos cotidianos insuportáveis.

Quando despertarão os escrupulos, quando falará a consciência dos que traficam ignôbilmente com o nosso sangue, com a nossa saúde, com a nossa vida?

A. R.

rácter, grande homem de bem cuja vida foi traçoeiramente roubada por um bando de sicários:

«Parece haver muitos portugueses que trazem dentro de si os corações mortos. A nossa vida parece estar só nos olhos para nos odiarmos, e nos nossos lábios para nos caluniarmos. Aos homens que na Africa e na Flandres afrontaram a morte compete saltar para o paraiteio e gritar a êsses corações: — Mortos, a pé!»

impossíveis, duas delas serão, sem dúvida, para os jornais, grandes ou pequenos, de profissionais ou de amadores, as seguintes:

— Falar de tudo ao mesmo tempo.

— Agradar a tôda a gente.

De onde, dados tais impossíveis, sempre, constantemente, até à consumação dos séculos, há-de existir quem não goste, quem não concorde, quem critique, quem refile, quem tenha a impressão de que faria muito melhor. Que-re dizer, eternamente viverão e eternamente manifestarão o seu desgosto, a sua não conformidade, Um e Outro, o Senhor Xiç e o Senhor Upsilon, o Fulano de Tal, o Cicrano de Qualquer Coisa, e o Constante Leitor.

E nós, que havemos de fazer? — O remédio... é agüentar!...

Pela cópia, P. V.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Tem desenvolvido uma notável actividade a agência em Guimarães desta superior instituição que tem como objectivo pugnar pela união de quantos se bateram, pela defesa dos seus interesses e pela vida dos mutilados, viúvas e órfãos da Grande Guerra.

A Liga, apesar de contar já mais de 36.000 associados, está, contudo, ainda longe de reunir todos os que em terras de Africa e França se bateram na maior de tôdas as carnificinas que a história regista. Nada mais natural, pois, do que o apêlo dirigido aos antigos combatentes não inscritos para efectuarem o mais rapidamente possível a sua inscrição. Nesta cidade pode ela fazer-se no antigo quartel do saudoso regimento de Infantaria n.º 20.

A sub-agência de Guimarães para seguiu os seguintes benefícios para os combatentes:

Ferragens, A. J. Ferreira da Cunha, 10 %; Tip. Minerva Vimaranesa, António Luis da Silva Dantas, 5 %; Advogado, Dr. João Faria Martins, grátis nas consultas e o mínimo nas questões; Banhos, Companhia dos Banhos de Vizela, grátis às praças e 50 % aos graduados; Casa das gravatas, Dias & Carvalho, Limitada, 10 %; Hotel do Toural, Paulino Ferreira Leite, 5 %; Sapataria Elegante, Artur de Oliveira Sequeira, 10 %; Alfaiataria Ribeiro F., Jacinto José Ribeiro, 10 % na mão de obra e 5 % nos artigos; Barbearia Milanese, Manuel Calixto, 20 %; Automóvel n.º 10.133, Alfredo C. de Castro, 10 %; Merceria Braga & Carvalho, Limitada, 5 %; Livraria e Papelaria, L. Oliveira & C., 10 %; Dr. Augusto Ferreira da Cunha, grátis no 2º consultório e 50 % no domicílio; Farmácia, Henrique Gomes, Rua da República, 10 %; Drograria, João Garcia Guimarães, 5 %.

Segundo informações que temos por seguras, não estará longe o dia em que começará em Guimarães a construção do monumento aos mortos da Guerra. E não pode dizer-se que seja cedo... Outras terras, bem mais pequeninas do que a nossa, o tem já. Entre nós, porém, os monumentos não passam da primeira pedra e respectivo letreiro. E' por isso muito de regosijar a informação que nos deram.

Para fechar esta local transcrevemos as bellissimas palavras de António Granjo, intervencionista que soube bater-se heróicamente, homem público de inconcusso ca-

Réde Telefónica do Estado, em Guimarães

Telefones instalados
depois da publicação da última lista

166 Júlio Pereira de Figueiredo
167 Joaquim Ribeiro de Moura
168 José André
169 Polícia Civil
170 Tribunal Judicial
171 Barbearia Simão Costa
172 Gonçalves & Castro, Ltd.^a
173 Domingos Peireira Mendes, Sucessor
174 Manuel Joaquim da Cunha
175 Auto Garage Avenida
176 Luís Teixeira de Carvalho & Irmão
177 Jacinto José Ribeiro
178 Dr. João Martins de Freitas

179 Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda
180 Alberto Pimenta Machado
181 Joaquim Leite Monteiro
182 Francisco M. Fernandes
183 Joaquim A. Guimarães
184 Sapataria Fox
185 Guilhermino A. Barreira
186 Chapelaria Martins
187 Gualdino Pereira
188 Dias & Carvalho, Ltd.^a
189 Luís Dias de Castro
190 Fábrica de Tecidos de Guimarães
191 Damião de Sousa Pinto
192 Luisa Cardoso Macedo M. Menezes
193 Bento dos Santos Costa & C.^a, Ltd.^a
194 Eduardo & Silva
195 Luis Gonzaga Leite

196 Colégio e Asilo de N. Sr.^a da Conceição
197 Vital Marques Rodrigues
198 Stand América
199 Francisco da Silva Areias
200 Cândido José de Carvalho, F.^o & C.^a
201 António Cândido de Sousa Carvalho
202 Manuel Soares Moreira Guimarães
203 Alberto Costa
204 João Pereira Mendes
205 Camilo Laranjeiro dos Reis
206 António N. de Miranda
207 J. Ferreira de Melo
208 Bento dos Santos Costa & C.^a, Ltd.^a
209 Fernandes & C.^a, Ltd.^a
210 Francisco José de Freitas
211 Sociedade M. Sarmento

212 José Fernandes
213 Constantino Santoalha
214 Gaspar Ferreira Paúl
215 Alfataria Casimiro Ribeiro
216 Fotografia Beleza

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

CASA DAS GRAVATAS

O mais completo sortido no género.
Sempre as últimas Novidades.
Vejam os nossos preços.

CASA HIGH-LIFE
MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Lúvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sêdas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bôlsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, bretanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos.
SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.

ATOALHADOS E LINHOS

Gonçalves & Castro, L.^{da}

GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais

Lindas coleções de bordados de Guimarães

e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores

Preços das fábricas

Papelaria — Perfumarias — Tabacos
Gramofones e discos — Radiotelefonía
Papeis de embalagem — Fio — Papelão

CASA IDEAL

JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 — Telefone 181 — GUIMARÃES

CASA DE SANTA TERESINHA
122, Rua da República, 122-A
GUIMARÃES

Papelaria e Livraria — Artigos religiosos — Objectos de escritório
Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.^a Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

ALFATARIA DE RIBEIRO, FILHO

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.

9, Largo da Misericórdia, 10 — Telefone, 177 — GUIMARÃES

A boa reputação dos nossos artigos e transacções vai a toda a parte
OLIVEIRA & SILVA, SUCESSOR
MODAS E MIUDEZAS

28, Praça D. Afonso Henriques, 31 (Toural) — GUIMARÃES

Sedas lisas e de fantasia, tecidos de lã para vestidos e casacos, etamines e tecidos de algodão, meias de seda e algodão e muitos outros artigos.

Preços sem confronto.

CASA REBELO

117 — Praça D. Afonso Henriques — 118

GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos

próprios para a estação de verão

a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

CASA MARTINS
A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para Senhora, Homem e Criança. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percalis para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato
Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

Francisco Ribeiro de Castro

Papelaria e objectos de escritório — Perfumarias — Tabacos
Representante em Guimarães e norte de Portugal das Canetas Conklin - Endura

Casa das Novidades | Artigos fotográficos | Papelaria Central
Rua da República, 103-A e 105-A | Telefone n.º 149 | FILIAL
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3 | GUIMARÃES | Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13